



MATRIARCADO DO SAMBA

Nilcemar Nogueira¹
Regina Glória Nunes Andrade²
Edna de Assunção Melo Chernicharo³

“Pior que ser pobre é se entregar e não saber tirar de si mesmo a força que faz a vida valer a pena. A minha valeu”. A frase, exibida na entrada do Centro Cultural Cartola, expressa bem a personalidade de Euzébia Silva de Oliveira, Dona Zica e aponta a energia feminina que fez do samba uma das maiores manifestações populares.

Apresentar o matriarcado no samba por meio da força de D.Zica é fazê-lo de forma emblemática e vai ao encontro das teorias antropológicas do século XIX, que apontavam para a existência do matriarcado, como a mais remota forma de organização social conhecida. O mais singular defensor dessa teoria, a Teoria do Matriarcado, foi o antropólogo suíço J.J. Bachofen.

Contudo, pesquisas antropológicas feitas com mais rigor no século XX concluíram que jamais houve uma sociedade matriarcal. Isso não significa negar que em várias tribos ou civilizações as mulheres fossem altamente consideradas e que aqui em nosso trabalho o matriarcado seja considerado como responsável pela transmissão da cultura e valores de uma diáspora, e considerar a força feminina que se constituiu em torno do samba.

Com o fim da escravidão, as mulheres assumiram a casa. Sustentavam filhos e parceiros na base do biscate e dos tabuleiros de quitutes nas esquinas. Era a forma de resistência de um grupo conhecido nos altos salões como os “da raça”. Em outras casas, além da de Tia Ciata, circulava a tal energia feminina que ajudou a tornar o samba carioca uma manifestação popular, parte integrante da cultura brasileira.

A força feminina e o samba, elementos fundantes em torno do qual os negros brasileiros conseguiram se fazer reconhecer como cidadãos recebe em nosso trabalho um destaque especial neste congresso. Maneira pela qual encontramos mais um canal de divulgação para as mulheres que exercem uma liderança silenciosa na transmissão e sustentação de uma cultura tão carente de reconhecimento de seus valores intrínsecos.

A trajetória do samba carioca na cultura nacional, sua origem e sua evolução em solo brasileiro vem sendo objeto de crescente estudo e pesquisa. A origem do samba ainda hoje é discutida. Seu nome segundo alguns autores provém de Samba que quer dizer “umbigada” – união

¹ Nilcemar Nogueira – Vice Presidente do Centro Cultural Cartola, neta de Cartola.

² Regina Glória Nunes Andrade – Coordenadora da Pós-Graduação em Psicologia Social - UERJ

³ Edna de Assunção Melo Chernicharo – Mestranda em Psicologia Social - UERJ



do baixo ventre, no batuque de angola. Pode-se afirmar que a música africana entrou no País com os primeiros escravos negros.

Leva de negros baianos alforriados migraram para o Rio de Janeiro, no fim do século XIX concentrando-se na zona do porto. Desde sua chegada à então capital do império. O samba sofreu o repúdio da sociedade patriarcal. Marginalizado e tido como dança de gente a toa, precisava de uma artimanha para ser praticado.

O samba carioca, como dança, foi lançado na Pedra do Sal, no Bairro da Saúde. O gênero musical surgiu na casa de Tia Ciata. Mulher de grande iniciativa, tornou-se, com outras tias baianas de sua geração, a iniciadora da tradição das baianas quituteiras do Rio de Janeiro. Ciata, festeira, não deixava de celebrar os orixás em sua casa na Praça Onze e depois das festas religiosas se armava um pagode. *Pelo Telefone*, explosão musical de 1917, tido como o primeiro samba com autoria registrada e gravado em disco, nasceu na casa de Tia Ciata.

Nos fins do século passado, o Bairro da Saúde era reduto de costumes e usanças africanas trazidas da Bahia. Pequenas, mas inúmeras, famílias baianas ali se acumulavam, trazendo para o Rio hábitos da velha metrópole, com marcadas reminiscências do continente negro, entre as quais cantigas e danças próprias, festas, comidas, ritos e credences” (Alencar, 1968, p. 3)

Tanto as cerimônias religiosas como o samba eram objetos de contínua perseguição, vistos como marcas primitivas que necessitavam ser extintas em nome do catolicismo oficial, da intolerância em relação aos costumes que não eram os de ordem branca e portuguesa, o desejo de fazer do Rio uma capital européia. Ciata, iniciada no santo na Bahia pelo africano Bambochê, era mãe-pequena (auxiliar direta do pai de santo) no terreiro de João Alabá, na Cidade Nova. A casa de Ciata era marcada por seu trabalho no candomblé. Ciata gozava de respeitabilidade junto às autoridades por ter curado, com reza, a ferida na perna de Wenceslau Brás, presidente da República entre 1914 e 1918. Tal feito garantiu-lhe não só emprego para seu marido mas também espaço para que sua casa ficasse livre de batidas policiais e se configurasse como local favorável para as reuniões de samba. Usavam o disfarce de tocar choro na sala da frente, enquanto se sambava a vontade no quintal sem que a polícia batesse à porta. Àquela época, sambistas recorriam às casas religiosas para se divertir, apostando no fato de a polícia não distinguir a batida do samba, da batida para o santo.

A casa de Tia Ciata se torna a capital dessa Pequena África no Rio de Janeiro, a ocupação integrada de seu marido permitia que fosse preservada sua privacidade que se abria para a comunidade. Tinha respeitada sua pessoa e inviolabilizada sua casa. Privilégio, coisa de cidadão, que quando preto exigia se estranhava. Lá se podiam reforçar os valores do grupo, afirmar o seu passado cultural e sua vitalidade criadora recusados pela sociedade. Lá começariam a ser elaboradas novas possibilidades para esse grupo excluídos das grandes decisões e das propostas modernizadoras da cidade, gente que progressivamente se integraria a partir do



processo de proletarianização que se acentuaria no fim da República Velha e da redefinição de sua vida cultural com a solidificação de novas instituições populares. Da Pequena África no Rio de Janeiro surgiram alternativas concretas de vizinhança, vida religiosa, lazer, trabalho” (Moura, 1983, p. 69)

A África é um continente com várias nações e culturas diferentes, mas essa diversidade guarda aspectos compartilhados. Muitas sociedades africanas eram matrilineares. Nessas sociedades, havia partilha de direitos e responsabilidades entre homens e mulheres, principalmente nas sociedades agrícolas, onde a mulher exercia papel importante na produção e na organização econômica.

A mulher negra ao longo de sua história foi a “espinha dorsal” de sua família, que muitas vezes constitui-se dela mesma e dos filhos, especialmente na pós-abolição. Muitas vezes, a mulher negra sustentava até mesmo o marido. O Brasil, que se favoreceu do trabalho escravo ao longo de mais de quatro séculos, colocou à margem o seu principal agente construtor. Com o incentivo do governo brasileiro à imigração estrangeira e à tentativa de extirpar o negro e sua cultura da sociedade brasileira, houve maciça tentativa de “embranquecer” o Brasil.

Em 1903, o engenheiro Pereira Passos – prefeito nomeado pelo presidente Rodrigues Alves – empreendeu ampla reforma no Rio de Janeiro, a capital federal. A empreitada, que se tornou conhecida como “*Bota abaixo!*” e “*Rio civiliza-se!*”, foi parte de um plano de reformas que visava a (1) sanear e modernizar a cidade, fazendo da região o coração financeiro, político e cultural de um novo tempo; (2) facilitar o acesso às Zonas Sul e Norte, ainda pouco exploradas; e (3) construir o novo porto, dando infra-estrutura para a economia nacional embarcar e desembarcar. O porto do Rio de Janeiro foi remodelado, e as ruas mais movimentadas do centro, alargadas. Becos e ruelas foram transformados em amplas e salubres avenidas, com lojas e cafés elegantes que iriam constituir os novos símbolos nacionais de civilização e progresso. Pereira Passos abriu a Avenida Central para fazer passar os *boulevards*. Para sanear o Centro e realizar sua reforma de inspiração francesa, quiosques, casas e cortiços foram derrubados, compelindo seus ocupantes – 14 mil pessoas desabrigadas – a buscar moradia em locais distantes ou a se integrarem à população favelada dos morros centrais.

Os melhoramentos implementados só fizeram acirrar, se não ainda incipiente, a iníqua divisão de classes, que desde então se estratificava como inexorável no cartão postal da cidade. Esse processo se definiria a partir da singularização do perfil dos bairros em função das atividades de seus habitantes, das atividades industriais peculiares, do gosto e da capacidade financeira para determinadas diversões ou da característica dos negócios e, sobretudo, da sua ocupação social. O Rio, que se modernizava e se sofisticava, ao mesmo tempo redefinia-se e, conseqüentemente,



excluía – com vistas exclusivamente às novidades e seduções européias – a massa de proletários, operários e populares, marginalizados por aquela compulsão de embelezamento e reestruturação.

Nesse segundo plano, nessa cena escondida, trafegavam e se misturavam em ocupação e divertimento, quase sem distinção, trabalhadores, malandros, macumbeiros, pedreiros, tipógrafos, músicos, pais de santo, lavadeiras e cozinheiras, gente de ocupação considerada “rasteira” e indefinida relegada aos morros – o Rio favelizava-se – e às moradias suburbanas, que cresciam e se expandiam ao redor do centro nobre da cidade.

A relação das elites e do poder público com os pobres era paradoxal. Os "perigosos" maculavam, do ponto de vista da ocupação e reordenação do espaço urbano, o sonho da cidade moderna e cosmopolita e ao mesmo tempo, embora esses trabalhadores urbanos sejas quem realizavam o trabalho braçal que as elites não cogitavam fazer. Essa população pobre, ao mesmo tempo repelida e necessária, tinha duas opções - morar nos subúrbios ou ocupar os morros centrais

A vantagem da ocupação dos morros, evidente para os dois lados, era a maior proximidade dos locais de trabalho. Contudo: não tão perto que possam macular a cidade restaurada e higienizada, não tão longe que obriguem a madame a realizar os serviços domésticos que, poucas décadas antes, eram tarefas das mucamas de Sinhá.

A ocupação dos morros retrata, então, as contradições de uma cidade que se pretende moderna e cosmopolita e é, ao mesmo tempo, marcada pelo esteio ideológico de trezentos anos de trabalho escravo. Nesses morros as mulheres, novas tias, mães de santo e rezadeiras abrigavam em seus terreiros as rodas de samba e organizavam blocos. Nessa época, a tradição da brincadeira de rua já existia havia muito tempo durante o carnaval, mas sem nenhum tipo de organização. Foram justamente os blocos, ranchos e cordões que deram unidade musical a um desfile até então caótico.

No morro da mangueira, tias Tomásia e Fé já reuniam seus filhos de santo, com elas à frente, sempre vestida de baiana, em seus blocos carnavalescos. A casa dessas mulheres, era ponto de encontro para tocar samba, como fora a casa de Tia Ciata cuja semelhança se dava também pela evocação das divindades africanas e, é claro o hábito de saborear-se uma boa peixada ou feijoada. No surgimento das escolas de samba, as referências são masculinas. A Deixa Falar, primeira Escola de Samba a ser fundada em 1928, nasceu no bairro do Estácio e tem em Ismael Silva, seu fundador, a maior referência. Também nesse ano foi fundada a Estação Primeira de Mangueira, escola de Cartola e Carlos Cachça.



As escolas de samba, consideradas grandes organizações socio-político-culturais, foram celereiros de bambas, como já eram chamados os compositores, mas tinham na figura feminina seu maior esteio, principais vozes dos terreiros e dos primeiros desfiles. As escolas no início de sua criação eram formadas por pequenos grupos. As pastoras eram responsáveis pela sustentação do canto, ao lado da figura do compositor, as baianas constituíam o corpo máximo das escolas e indiretamente também ajudavam a manter a cadência com o arrastar de seus tamancos.

Apesar da invisibilidade do trabalho feminino no samba, algumas mulheres podem ser consideradas exceção por seu protagonismo. Uma dessas figuras feminina, nascida Euzébia Silva, se tornou conhecida como Dona Zica e, tal como Ciata, era afamada não somente pelos seus dotes culinários, mas principalmente por ter ter sido, juntamente com Dona Neuma, uma das maiores referências do samba da atualidade. Ambas ajudaram a impulsionar a escola de Samba Estação Primeira de Mangueira e, no caso de Dona Zica, também a carreira de um dos grandes nomes da nossa música popular brasileira, o nosso Cartola.

As guerreiras do samba

No samba, a mulher é provedora, é guardiã da ancestralidade, responsável pela transmissão, dos principais símbolos dessa matriz cultural: dança, música, culinária.

Hoje em dia é também em parte responsável pela manutenção do ritmo, com mulheres cantoras, compositoras e ritmistas. São mulheres que cuidam da casa, trabalham fora, ajudam a comunidade. São intérpretes, costureiras, carnavalescas, baianas, porta-bandeiras, assistas, fontes de inspiração para poetas e para novas guerreiras do samba. Desde os cordões, ranchos e grandes sociedades do samba, a presença feminina é figura central.

Criados no fim do século XIX os ranchos, até o surgimento das escolas de samba no início dos anos 1930, foram os grandes destaques do carnaval carioca. Os ranchos também contribuíram para a fama dos líderes da Cidade Nova. Era obrigação passar em frente a casa de Tia Ciata para saudá-la. Ela participou da criação do Rosa Branca e do O macaco é outro. Nos morros cariocas, outras mulheres foram responsáveis pela criação de outros ranchos.

Benedita de Oliveira, conhecida como Tia Fé, de origem baiana, realizava grandes festas na comunidade da Mangueira. Mãe-de-santo, participou da criação do primeiro rancho carnavalesco da Mangueira, chamado Pérolas do Egito, em 1910. (...) era conhecida como “grande mãe” da comunidade por proteger os moradores da Mangueira. Seu terreiro de candomblé era respeitado por pessoas famosas” (Centro Cultural Cartola, 2007, p. 20)



A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão, com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto do país. No samba, no entanto, embora de forma não tão clara, elas ocupam os maiores espaços. Há um deslocamento da figura de enfeite, de destaques (figura central dos carros alegóricos), da beleza (passistas), para ocupação do cargo de presidente. No samba verificamos grupamentos dentro da organização, departamento feminino, ala de baianas.

A energia do baticum que hoje integra e harmoniza a escola de samba na avenida é a mesma desde que samba é samba. É a mesma que movimentava Pizindim ao subir o abacateiro pelado cujas folhas curavam a ressaca dos visitantes na casa da Tia Ciata. É a mesma de Donga, João da Baiana, Pendengo, filhos de uma geração de mulheres, negras baianas, que marcaram seu espaço com raça e sabedoria na sociedade carioca do final do século XIX.

Pizindim, que no dialeto africano significa menino bom, foi o apelido que a avó de Pixinguinha deu ao neto à época em que frequentavam a casa de Tia Ciata. Um tempo em que os batuques da cozinha se misturavam às do candomblé, ambos comandados por Amélia, mãe de Donga, Perciliana, mãe de João da Bahiana, Veridiana, mãe de Chico, e Mônica, mãe de Pendengo. Bebianá, Gracinda, Josefa Rica e Rosa Olé também faziam parte dessa família.

Com o passar do tempo, o samba, que recriou a África no Brasil, confundido originalmente com macumba, principal ferramenta com que os negros lutaram para mostrar sua importância social, tomou novos rumos, ganhou novas formas. Mas manteve sua essência no espírito brasileiro dessas mulheres que se revelaram mais fortes que o próprio tempo. É a energia dessas “mães, tias e avós” que cria novos valores e mantém nossos costumes. É também de onde brota uma liderança oculta que com sua força de trabalho sem reconhecimento ou destaque continuam seja ainda em alguns casos, lavando roupa para madames, trabalhando como doméstica com o mesmo empenho para adquirirem com seus poucos proventos, o dinheiro para fazer as fantasias e alçarem destaque no carnaval, maior popular do planeta, que historicamente encontra na força feminina silenciosa o vigor de sua beleza e estética. É pela constatação da contribuição feminina para a nossa identidade, mesmo que invisível, que hoje abrimos a ala não só para mostrar sua contribuição, mas para louvar sua importância na manutenção de nossas tradições.

Bibliografia



ANDRADE, R. – *Personalidade e cultura: Construções do imaginário*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

ALENCAR, Edgard de. *Nosso Sinhô*: Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1968.

A Força Feminina do Samba.: Rio de Janeiro: Centro Cultural Cartola, 2007.

CHERNICHARO, Edna de A. M.; BARRADAS, Mary S. S.; NOVO, Damaris V. – *Liderança de equipes*. Rio de Janeiro. FGV, 2008.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro.*: Rio de Janeiro: Funarte, 1983

NOGUEIRA, Nilcemar. – *De dentro da Cartola, a poética de Angenor de Oliveira*. 2005. Dissertação de (Pós-Graduação/Mestrado). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2005.

_____. – “Depoimento”, in COSTA, Haroldo (Org.). *Fala crioulo, o que é ser negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Marília T. B. da & FILHO, Arthur L. O. – *Cartola: os tempos idos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

SILVA, Odacy de Brito. – *Na passarela de sua vida: biografia de Dona Zica da Mangueira*. São José dos Campos: Carimbex, 1999.

SODRÉ, Muniz. – *Samba. O dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. – “Depoimento”, in COSTA, Haroldo (Org.). *Fala crioulo, o que é ser negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Sites

<http://hisbrasileiras.blogspot.com/2010/04/ocupacao-dos-morros-o-lado-b-do-disco.html> Acesso em 03/07/2010.

<http://historia.abril.com.br/politica/favelas-cariocas-cidade-morros-435499.shtml> Acesso em 04/07/2010.

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/matriarcado4.htm> Acesso em 04/07/2010.